

“50 anos de contemporaneidade”: a fotografia contemporânea nos 50 anos da UFMA¹

Marcus Elicius dos Santos GARCEZ²

Mary Aurea de Almeida Costa EVERTON³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

A fotografia contemporânea está cada vez mais presente no dia-a-dia do profissional de comunicação e na vida das pessoas em geral. Apesar disso, é um tema pouco estudado nos cursos de Comunicação Social do Maranhão, e merece ter seus estudos ampliados. Seu caráter artístico, autoral, de documentar e de ver o cotidiano com outro olhar chamou a atenção para o desenvolvimento deste trabalho, que surgiu a partir do ensaio fotográfico “50 anos de Contemporaneidade”, em comemoração ao meio século da Universidade Federal do Maranhão.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; fotografia contemporânea; arte; Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

INTRODUÇÃO

Em 2015, a Universidade Federal do Maranhão, a mais antiga instituição de ensino superior do Estado, completou 50 anos de fundação. E em comemoração ao jubileu de ouro, foi realizada a exposição fotográfica do gênero contemporâneo, denominada “50 anos de Contemporaneidade”.

A proposta surgiu a partir de estudos sobre fotografia contemporânea, no laboratório de fotografia, do departamento de Comunicação Social, da UFMA, e buscou a compreensão desse gênero da fotografia para então construir um ensaio fotográfico. Dessa maneira, o trabalho parte da exposição fotográfica que foi apresentada em três séries, organizadas de forma cronológica.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante do 8º período do curso de Comunicação Social – Habilitação Rádio e Televisão da UFMA, email: marcus.elicius14@gmail.com.

³ Orientadora do artigo e ensaio fotográfico. Técnica do Laboratório de Fotografia do Departamento de Comunicação Social – UFMA. Professora do Curso de Pós-Graduação lato sensu em assessoria de comunicação: política, setor público e organizações, Faculdade São Luís (2012), Professora do Curso Comunicação Social Habilitação Publicidade e Propaganda e Administração e Marketing, Coordenadora Adjunta do curso de Comunicação Social da Habilitações Jornalismo e Publicidade e Propaganda – Faculdade São Luís (2002-2008), Professora Substituta do Curso de Comunicação Social - UFMA das Habilitações Jornalismo, Rádio e Tv e Relações Públicas (2005- 2008); Professora dos Cursos de Comunicação Social Habilitação Publicidade e Propaganda, Marketing e Propaganda, Marketing Estratégico, Design de Moda - UniCeuma (2002-2011); Pós-Graduada em Didática Universitária FAMA (2004), 4 Graduada em Comunicação Social Habilitação Publicidade e Propaganda UniCeuma (2001), Fotógrafa profissional (1994), email: labfotografiaufma@gmail.com

Considerando que a fotografia contemporânea tem como principal característica de apresentar um olhar diferenciado sobre objetos em cenas do dia-a-dia, que muitas vezes passam despercebidos, este trabalho busca mostrar como este gênero da fotografia pode trazer um olhar contemporâneo sobre uma das instituições mais importantes do Maranhão.

Mas antes, serão vistas história da fotografia e da fotografia contemporânea, além de suas características, afim de entender como uma instituição construída a meio século pode ser vista numa perspectiva contemporânea, a partir de um outro olhar.

Além disso, pretende-se também analisar/observar como essas fotografias podem ter um papel de documento e monumento, no que se diz respeito a terem o papel de acervo fotográfico da instituição, da mesma maneira que as fotografias disponibilizadas no museu da UFMA.

2 Da física à química: fotografia

A palavra fotografia tem origem grega e significa desenhar com a luz, ou seja, é o ato de registrar um momento, tendo a luz como principal elemento. De acordo com Thomaz Harrell (1995), a fotografia representa o detalhe, a minúcia, a perspectiva, a luz, o momento fugaz, a espontaneidade e a verdade.

A sua história reúne diversos processos e autores, que em diferentes lugares possibilitaram o registro de parte da história mundial. Segundo Harrell (1995), sua descoberta pode ser melhor compreendida através de três princípios: o princípio da câmara escura de orifício, o da fotossensibilidade e o princípio da óptica.

Há relatos de que a caixa escura de orifício tenha sido utilizada desde antes de Cristo, com Aristóteles (384-322 a.C.), na Grécia Antiga, que realizou uma descrição da formação de imagens por um orifício. Em Constantinopla, por volta de 1038, Ibn Al Haitam realizou a observação de um eclipse solar, utilizando esse princípio. Mas foi somente com Leonardo da Vinci (1452-1519) que houve uma primeira descrição completa da câmara escura.

Outro grande passo para a descoberta da fotografia se deu em 1727, quando o pesquisador alemão Johan Heinrich Schulze apresentou as primeiras pesquisas em que constata como folhas de papel em contato com nitrato de prata enegreciam, quando expostas ao sol. Surgia aí outro princípio que dá origem a fotografia, o da

fotossensibilidade, mesmo quando o objetivo de Schulze fosse fabricar luminosos de fósforo.

O princípio da óptica, por sua vez, teve grandes avanços nos séculos XVII e XVIII, com o aumento da incorporação de lentes convergentes, o que dava mais nitidez e brilho as imagens da câmara escura de orifício. Porém, acredita-se que Veneziano Bárbaro, no século XV, tenha sido o primeiro a colocar uma lente convergente na câmara escura.

Até então estes experimentos, em sua maioria, tinham caráter puramente científico. A partir do século XIX, o desejo de retratar o mundo pelo homem, inicia um processo para se realizar um registro mais perfeito, justamente para atender a necessidade intrínseca ao ser humano.

Estima-se que a fotografia tenha sido iniciada em 1826, quando o francês Joseph Nicephore Niepce conseguiu fazer a primeira fotografia durável do mundo, através do processo chamado de Heliografia. A técnica, porém, tinha um tempo de fixação muito longo, e logo foi aperfeiçoada em 1839, com a Daguerreotipia, criada por Jaques Dandé Daguerre. Essa técnica pode ser considerada como a primeira popularização da técnica fotográfica entre os nobres pelo mundo.

Enquanto Niepce havia conseguido fixar a imagem num período de 8 horas, Daguerre conseguiu diminuir esse tempo para 30 a 40 minutos. Mesmo com essa redução, era mais comum apenas fotografar prédios, monumentos, natureza morta.

Em Londres, no ano de 1841, Godard anunciou uma técnica que superava a Daguerreotipia, reduzindo consideravelmente o tempo de exposição para dez a quinze segundos. Vale ressaltar que nenhuma das três técnicas permitia a cópia das imagens.

Ao passar dos anos, diversas outras pessoas, em várias partes do mundo, contribuíram para o desenvolvimento e popularização da fotografia. Entre eles, o inglês Willian Henry Foz-Talbot (com o processo negativo-positivo ou Calotipia), Gustane Le-Gray (com o aperfeiçoamento da Calotipia), Hércules Florence (brasileiro que produziu fotografias com sais de prata), Frederick Scott-Acher (chapa úmida e o negativo de vidro) e Richard Leach-Maddox.

Por fim, vale destacar George Eastman, que em 1888, com a Eastman Kodak Company, deu início a segunda popularização da fotografia, com a introdução no mercado de filmes em rolos e uma pequena câmera de caixinha. A partir de então o ato de fotografar foi espalhado por todo mundo, criando mais gêneros fotográficos.

3 O processo técnico como arte

A fotografia desde seu início sempre teve relações com a pintura, que influenciou o modo de fotografar ao longo dos anos. Uma dessas, é a tradicional divisão em gêneros, herdados da pintura do século XIX, divididos em: retrato, paisagem, nu e natureza morta.

A partir dessa separação, pode-se compreender a função da fotografia por muitos anos, como um instrumento para registrar famílias, pessoas mortas, o corpo humano de forma artística e objetos.

Logo quando a fotografia passa a ganhar destaque entre a sociedade, várias discussões foram iniciadas envolvendo Arte e Fotografia. Para muitos, a fotografia não passava de um mero apertar de botão e não poderia ser considerada arte, já que também poderia ser facilmente reproduzida.

Entre os que acreditavam nessa ideia, está o poeta francês Baudelaire, que realizava fortes críticas a fotografia durante o século XIX. De acordo com ele, a fotografia possibilitou um novo espaço de criatividade para a arte, ao libertá-la de representar o real. Para Baudelaire, o real papel da fotografia era de apenas servir das artes e das ciências.

Dessa maneira, ele acreditava numa separação entre arte e fotografia, no qual a primeira era dado um lugar na criatividade e na sensibilidade humana, enquanto a segunda era dado um *status* de documento da realidade.

Na visão de Silas de Paula e Kadma Marques (2010) para se considerar uma fotografia como arte não basta apenas a prática fotográfica, mas que ela seja associada a um conceito:

é necessário, no entanto, ter em mente que uma foto não se transforma em arte, simplesmente, pelo ato fotográfico e a materialidade do objeto ao ser percebido; ela tem que ser associada a um conceito, a uma poética, que pode ser tácita, ou um processo, coisas com as quais o mundo artístico concorde sem a necessidade de muito ser dito. (DE PAULA e MARQUES, 2010, p.18)

Por diversos anos, a fotografia foi atribuída algo real, por sua capacidade de representar o mundo com grande semelhança. Sendo utilizada em diversas ciências, ou como provas de crimes e até mesmo em documentos. Porém, para autores, como Ana Maria Mauad (1996), a fotografia é uma leitura do real, um importante instrumento de análise e interpretação, e não a realidade propriamente dita. Características, como sua

forma bidimensional, isolamento de um ponto no tempo/espço e limitações sensoriais mostram como a fotografia não é real, segundo Mauad (1996).

Acredita-se ainda que a não só a arte influenciou a fotografia, mas que o processo contrário também ocorreu. Segundo Antônio Luís Marques Tavares (2008), as influências da fotografia provocaram profundas alterações na pintura, como a libertação da necessidade de replicar a realidade. Além disso, a fotografia foi aliada a pintura impressionista, que não se preocupava mais na realidade em si, mas sim ver o quadro como obra em si mesma.

Ao longo da história, é possível observar que a fotografia e pintura se relacionaram e seguiram caminhos diferentes. Mas é no século XX, que essa aproximação é mais vista. “É na atualidade que este caminho paralelo, cruzado, umas vezes a fotografia a entrar no campo experimental da pintura outras vezes o inverso, se manifesta com maior acuidade”. (TAVARES. p.122, 2009)

É na contemporaneidade que a fotografia passa a ganhar características mais artísticas, a partir da entrada de exposições fotográficas em museus, galerias, entre outras. Até então, esses espaços davam espaço apenas a pinturas, esculturas, que eram consideradas arte. Além disso, para Tavares (2009, p. 123), “o desenvolvimento do vídeo e das novas formas tecnológicas que os assistem, bem como à fotografia, foi determinante para a assunção de uma dimensão artística [...]”.

4 Uma outra perspectiva do fazer fotográfico

A partir do século XX, a fotografia passou por diversas transformações, influenciada pelo o que ocorria na pintura. Por todo o mundo correntes artísticas, como cubismo, modernismo, expressionismo, dadaísmo deram contribuições significativas para o rompimento de padrões antigos da fotografia, possibilitando outras maneiras de fotografar de modo mais artístico.

Essas mudanças são observadas na França, Itália, Alemanha, Rússia e, principalmente, nos Estados Unidos, com os fotógrafos da fotografia artística, como Cecil Beaton, Robert Capa e Henri Cartier-Bresson, que deram importantes contribuições para tal rompimento.

Além disso, o movimento da fotografia pictorialista impulsionou o distanciamento da fotografia de apenas uma reprodução da realidade, para se aproximar mais da arte, através de manipulação de focos, granulações e tons na fotografia.

Foi com Cartier-Bresson e seus trabalhos, segundo Tavares (2008), que se foi provado o “resultado da arte fotográfica não estava na máquina, mas sim no olho do fotógrafo, que de forma subjetiva, percebe determinado momento e captura”.

Dessa maneira, passou-se a dar mais importância ao observar as pessoas, o cotidiano, os elementos presentes no dia-a-dia, através do olhar subjetivo do fotógrafo. De acordo com Tavares (2008), o principal interesse da fotografia artística contemporânea era o de registrar as diversas realidades e dimensões da vida urbana, além de captar o ser humano na sua relação com o mundo atual.

A oposição aos modelos estabelecidos, que determinavam um certo enquadramento, ou uma técnica específica, fez com que os fotógrafos desse estilo, iniciado no século XX, registrassem essa vida urbana, o cotidiano, a partir de outros enquadramentos, outros recursos técnicos, que permitissem a criatividade nas composições. Essas, cada vez mais cheia de linhas, curvas, cores, formas, sombras, textura, que nos transmitem desordem. Mas esses elementos juntos são capazes também de transmitir a mensagem do fotógrafo sobre o mundo, de acordo com Bruno Soares Ferreira.

Apenas a luz sem a sombra não permite contrastes, com as quais se pode, justamente com a luz, estabelecer formas e fronteiras de tons, que funcionam como um dos principais meios para a mensagem fotográfica. (FERREIRA, 2015, p. 47).

É a partir desse estilo contemporâneo que a fotografia passa a ter mais características, além do status de arte. Com o fotógrafo mais livre para criar, sem necessariamente seguir padrões já estabelecidos, ela passa ser vista cada vez mais como autoral, por carregar composições mais subjetivas, a partir da visão do autor. Assim, a fotografia contemporânea é caracterizada pelo olhar diferenciado em elementos do cotidiano, criação de metáforas, conotações, analogias e a transformação da objetividade em subjetividade pelo autor, em outras palavras, a expressão autoral.

Com essas atribuições a fotografia hoje é cada vez mais inserida no mundo artístico, sendo isso muito evidenciado com a presença dela em museus, galerias de arte, exposições itinerantes, entre outros locais que são estabelecidos como espaços que respiram arte. Além disso, pode-se dizer que esse estilo contemporâneo está mais presente em ambientes considerados de maior intelecto, como livros, revistas, periódicos, que dão uma legitimidade maior de arte a essa imagem fotográfica.

Dessa forma, a escolha pelo gênero fotografia contemporânea se fez essencial na execução do trabalho “50 anos de Contemporaneidade”, no qual buscava-se mostrar a mesma UFMA, através de um olhar diferenciado do que se observava diariamente por aqueles que estudam, trabalham e passam pela instituição.

4.1 Como entender a fotografia contemporânea?

Dado o período em que vivemos, toda e qualquer imagem fotográfica pode ser considerada como contemporânea. Porém, para se enquadrar nesse gênero, esta deve possuir alguns elementos.

Mas antes de falarmos sobre como entender este estilo de fotografia, é necessário saber que a compreensão da imagem fotográfica se dá a partir de regras culturais, que fazem com que os significados sejam coletivos e não só individuais, como explica Mauad (1996):

A fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções signícas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. (MAUAD, 2006, p. 7)

Dessa forma, compreender fotografia contemporânea requer conhecer as circunstâncias que envolveram sua criação e porque foi concebida, já que esse estilo possui um papel de ir além do padrão estético, com o intuito de provocar quem a vê, causar uma reação no espectador. E isso acontece, através da subversão de padrões pelos fotógrafos do estilo contemporâneo.

Assim, essa “nova fotografia” se caracteriza principalmente pela ausência de representar sempre o real imediato, causando estranhamento e diferentes sensações, obrigando o leitor a realizar uma reflexão maior sobre o que se lê e o que se sente. Rubens Fernandes Júnior (2006), explica um pouco da esfera de uma imagem contemporânea:

As imagens contemporâneas causam uma sensação de explosão e de unidade ao mesmo tempo, pois não trazem a serenidade, mas inquietação. Ruídos, incompletudes, ausências, o interesse pela banalidade do cotidiano, processos de fragmentação e simultaneidade, processos de desconstrução. Tudo articulado numa espécie de narrativa visual que cria uma irresistível atmosfera de encantamento. (FERNANDES JÚNIOR, 2006, p. 18)

Dessa maneira, pensar em fotografia contemporânea, quer dizer produzir construções efêmeras, sob novas perspectivas e formas abstratas. A fotografia passa

assim a ser um espaço para as diversas manifestações, que agora exigem do espectador uma interpretação diferenciada, como analisa Rubens Fernandes Júnior (2006).

Entender fotografia contemporânea, dessa maneira, não é tarefa simples. Devido suas características subjetivas e autorais, livres de padrões técnicos, sua composição carrega narrativas ocultas, no qual o que se lê, não necessariamente está descrito na imagem e, sim, na sensibilidade estabelecida entre autor e leitor. De acordo com Mauad (1996), a percepção e a interpretação são partes do processo de educação do olhar, que dão suporte a compreensão da imagem fotográfica, a partir de regras convencionadas culturalmente numa determinada comunidade de leitores. Além disso, essas regras se dão em nível interno e externo, que são construídos a partir de fatores dentro da própria imagem e a partir de influências de outras da mesma época.

Dessa forma, podemos compreender como a construção de uma fotografia com a constituição de um autor/fotógrafo, que manipula técnicas de fotografia, um leitor inserido e por dentro de um contexto histórico/cultural e um significado aceito e válido.

Através de linhas, cores, contrastes, texturas, formas, perspectivas diferentes, o fotógrafo transmite com subjetividade um modo de ver o cotidiano, o antigo, o comum. Muitas vezes a composição dessa mensagem ocultas, cheias de confusões, devido à percepção única de cada autor. Porém, a zona de contexto onde essa imagem fotográfica cria uma ponte de sentido entre o leitor e o texto visual, com diversas possibilidades de interpretações.

Nestes termos, o trabalho “50 anos de Contemporaneidade” traz uma certa desconstrução de três prédios da Universidade Federal do Maranhão, através de silhuetas, cores, texturas, linhas e formas diferentes, que geram um certo direcionamento do olhar do espectador e também geram uma perturbação com imagens que não mostram o real diretamente.

5 Ensaio fotográfico da UFMA como documento e contemporâneo

A Universidade Federal do Maranhão surgiu através da Lei nº. 5152 de 21 de outubro de 1966, que deu autorização a instituir a Fundação Universidade do Maranhão (FUM) para a implantação futura de uma Universidade Federal.

A FUM contou com a união das instituições de ensino: Faculdade de Direito de São Luís, Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Luís, Escola de Enfermagem

“São Francisco de Assis”, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Luís, Faculdade de Serviço Social e a Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão.

Em 1972, a UFMA inicia a construção do Campus Bacanga, em São Luís (MA), a atual sede da instituição no Estado. Hoje, a Cidade Universitária “Dom Delgado” está em uma área compreendida entre os bairros da Vila Embratel, Sá Viana e Vila Bacanga, e conta com mais de 5 mil alunos de diversas cidades do estado e do Brasil.

Considerando a importância e a comemoração do meio século de fundação da instituição, o ensaio fotográfico buscou realizar uma homenagem a Universidade Federal do Maranhão sob uma perspectiva contemporânea.

De acordo com Mauad (1996), as fotografias são marcas da existência das pessoas e dos fatos ocorridos, através do registro da história numa linguagem de imagens. Dessa maneira, além desse registro de maneira contemporânea, as fotografias do ensaio mostraram ter outra importância: a de imagem documento e imagem monumento.

No primeiro caso, imagem documento, na visão de Mauad (1996), as fotografias são consideradas índices, no qual objetos, pessoas indicam marcas do passado, seja o estilo de vida, um contexto urbano ou rural. Na imagem monumento, a fotografia é um símbolo, uma visão de mundo daquele passado.

Assim, da mesma maneira que as fotografias fotojornalistas que registraram parte da história da UFMA e hoje são parte de acervo do museu da universidade, como peças que nos remetem aquele passado, que aquelas estruturas um dia foram de uma determinada maneira. Da mesma forma, as fotografias do ensaio, que resultaram na exposição “50 anos de Contemporaneidade” também podem ter a mesma função de documento/monumento, como forma de atestar que um dia a Universidade possui prédios, com determinadas cores, objetos, árvores, corredores, escadas, janelas, fachadas de vidro, paradas de ônibus.

E a escolha do estilo fotografia contemporânea se deu justamente para se abordar um novo aspecto da UFMA após 50 anos de fundação, mostrando de maneira contemporânea, um lugar construído há vários anos.

5.1 “50 anos de Contemporaneidade”: descrições do processo

Os primeiros trabalhos para a realização da exposição “50 anos de Contemporaneidade” foram iniciados em 2015, com o estudo sobre o que é a fotografia

contemporânea (já descrito neste trabalho), sob a orientação de Áurea Costa, coordenadora do laboratório de fotografia, do departamento de Comunicação Social, da UFMA.

A pesquisa envolveu o estudo de quatro textos que nos deram a noção de quais as características e o que diferencia esse estilo de outros mais. A partir desse conhecimento, foram realizadas pesquisas sobre a história da Universidade, detalhes do processo de construção da Cidade Universitária “Dom Delgado”, em São Luís (MA).

Assim, foram escolhidos três prédios de grande popularidade e importância para história da universidade e para a comunidade acadêmica (discentes, docentes e técnicos administrativos), sendo eles: Centro de Ciências Sociais (CCSo), Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET) e o Centro de Ciências Humanas (CCH).

A partir de então, tendo ciência dos nossos objetivos e objetos a serem fotografados, foi montado um cronograma de execução, que definiu o prazo de seis meses para a realização dos ensaios nos prédios citados.

Os registros foram realizados com as câmeras D7000 e D3100, ambas da marca Nikon. As lentes utilizadas foram grande angular, normal e teleobjetiva, variando entre zoom e fixa, que nos proporcionaram pôr em prática as ideias abstratas, que até então, estavam no mundo do olhar fotográfico.

Realizados os registros, passou-se a organizar a exposição fotográfica, denominada “50 anos de contemporaneidade”. A mesma foi dividida em 3 séries para melhor explorar sobre cada um dos prédios escolhidos.

De acordo com documentos da Universidade Federal do Maranhão, o atual Centro de Ciências Sociais foi inaugurado em 1978, sendo uma das primeiras instalações da universidade. Atualmente, abriga 12 cursos de graduação, entre eles Administração, Comunicação Social (Jornalismo, Rádio e TV, Relações Públicas), Direito, Pedagogia, 8 departamentos acadêmicos e 5 programas de pós-graduação em diversas áreas. Dessa maneira, o prédio foi escolhido como a primeira série de 16 fotografias expostas em frente ao laboratório de fotografia.

Seguindo a ordem, temos o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, inaugurado nos primeiros anos da década de 1980. Hoje o centro é composto por 11 cursos de graduação, entre eles Ciências da Computação, Ciência e Tecnologia, Design, Engenharia Elétrica, Física, Matemática, Química, 7 departamentos acadêmicos e 10 programas de pós-graduação em diversas áreas.

E por fim, o Centro de Ciências Humanas, inaugurado ainda na década de 1980 para abrigar cursos de licenciatura, como História, Filosofia, Geografia, Música, Letras (Inglês, Espanhol e Francês), entre outros. Além disso, o centro abriga também programas de pós-graduação.

5.1.1 Descrição das imagens por bloco conceitual

A seguir as imagens utilizadas no trabalho serão tratadas em blocos, definidos a partir das principais características técnicas encontradas nelas, que são: cor, grafismo, linha e corte.

a) Cor

Um elemento de extrema importância na estética fotográfica, a cor pode despertar diversas emoções em quem está vendo. Ela pode passar uma ideia mais agressiva, em cores mais quentes, ou algo mais tranquilo, em cores mais frias. Além disso, tem um papel de destacar um elemento, a partir de um contraste entre o primeiro e o segundo plano, com o uso das cores complementares (opostas) do círculo cromático. Partindo dessas ideias, as fotografias deste ensaio apresentam o uso das cores, tanto para realçar objetos, como para despertar emoções. O contraste provocado pelo contraluz em uma das paredes da foto 1, direcionam o olhar para as cores alaranjadas do pôr do sol, causando uma sensação mais romântica, através também de uma nova perspectiva do ambiente.

Por outro lado, as cores do prédio na foto 2 ajudam na percepção de um outro olhar do céu, a partir das linhas formadas. O azul e o verde favorecem a criação de uma divisão harmoniosa entre natureza e concreto, que podem passar despercebidas, só gerando uma sensação de calma, equilíbrio.

Da mesma maneira, o azul dá um destaque para a luminária do CCH, na foto 3, que ganhou mais destaque, a partir do contraste com branco. As cores mais claras e neutras trazem uma sensação de tranquilidade e calma. Além disso, o corte e as linhas promovem a centralização do olhar no primeiro plano da imagem: a luminária.

Além disso, o enquadramento das imagens complementa a leitura visual. Na foto 2 e 3, por exemplo, o *contra-plongée*, que traz a sensação de grandeza aos objetos fotografados. Apesar do plano médio (foto 3) e do plano geral (foto 2) aplicado, as

fotografias trazem apenas detalhes dos prédios da UFMA. Já na foto 1, o plano geral é emoldurado pelas colunas do prédio CCSO.



Foto 1
 Crédito de imagem: Marcus Elicius



Foto 2
 Crédito de imagem: Marcus Elicius



Foto 3
 Crédito de imagem: Marcus Elicius

b) Grafismo

Essa técnica pode ser entendida como a concentração de linhas, cores, sombras ou curvas na composição de uma imagem, com o intuito de criar um efeito mais abstrato a fotografia. Geralmente, elas não são lidas de maneira fácil, causando um tom de mistério no assunto abordado.

Na foto 4, do ensaio contemporâneo, o corte vertical utilizado, as diversas linhas (geradas pelos galhos da árvore), as formas (do prédio do CCET) e o contraste de cores dão a fotografia o tom mais abstrato. Aqui, há um destaque para os caminhos criados pela disposição dos elementos na imagem, com uma sensação mais harmoniosa. A foto 5 (CCH) e a foto 6 (CCSo), trazem como elementos principais o corte, cor e linhas. Na foto 5, o enquadramento centralizado, juntamente com a predominância das cores branco e cinza, proporcionou uma maior dificuldade de identificação do objeto disposto, dando ênfase as linhas e as formas criadas. A união de curvas, com essas linhas, cria a possibilidade de percorrer a imagem, tanto no sentido de baixo para cima, quanto de cima para baixo.

A combinação de cores brancas e bege e linhas diagonais dão um tom abstrato a foto 6. O corte também é essencial na imagem, pois concentra o olhar apenas no passeio proporcionado pelas linhas originadas das cores.

Nessas imagens, podemos perceber também que apesar de serem utilizados planos abertos, apenas detalhes dos prédios são registrados. Na foto 4, por exemplo, o enquadramento possibilitou o registro de galhos da árvore em conjunto com parte do prédio CCET. Já na foto 6, a angulação normal, combinado com as linhas diagonais

permitem uma leitura visual das muretas da rampa do CCSO, tanto de cima para baixo, quanto de baixo para cima. Na foto 5, essa leitura é facilitada pelo leve *contaplongée*, aplicado na hora do registro.



Foto 4

Crédito de imagem: Marcus Elicius



Foto 5

Crédito de imagem: Marcus Elicius

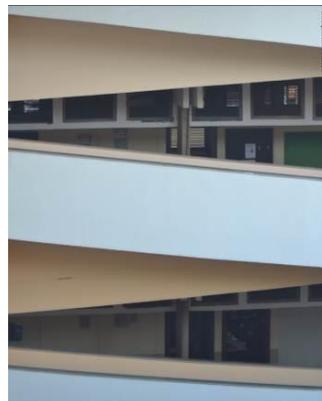


Foto 6

Crédito de imagem: Marcus Elicius

c) Linha

Outro elemento importante, tem um papel fundamental na condução do olhar, na divisão e no equilíbrio dos elementos de uma fotografia. As linhas horizontais trazem um tom de tranquilidade, repouso, enquanto as verticais dão a sensação de grandiosidade, ação, ritmo. Já as linhas diagonais e curvas causam dinamismo e tensão, além de criarem perspectiva.

As linhas podem criar um efeito de corte na imagem, como é o caso das fotos 7 e 8, no qual a forma como foi enquadrada, possibilitou que a estrutura dos prédios delimitasse o campo de visão, direcionando o olhar, seja para uma torre com o céu ao fundo, ou um pátio. Além disso, na foto 8, outras linhas geradas pelos toldos de proteção, conduzem nosso olhar na leitura da imagem, promovendo um passeio de um lado a outro.

Na foto 9, elas criam uma perspectiva, que chega a ter um tom abstrato, a partir linhas diagonais, verticais e horizontais, que se convergem e proporcionam uma profundidade no olhar.

Assim como percebemos nas outras imagens, os planos utilizados trazem detalhes de grandes empreendimentos da Universidade Federal do Maranhão. Na foto 7 e 8, os planos são mais abertos, porém com campos de visões limitados por outros elementos, como sombras e paredes, que dão a impressão de criação de uma janela

ou uma moldura. Na foto 9, a imagem na altura dos olhos e o plano médio, proporciona a criação de um caminho entre o detalhe das janelas e as colunas.



Foto 7
 Crédito de imagem: Marcus Elicius



Foto 8
 Crédito de imagem: Marcus Elicius



Foto 9
 Crédito de imagem: Marcus Elicius

CONSIDERAÇÕES

A fotografia, a partir do estilo contemporâneo, conquistou um espaço muito grande entre as obras que são consideradas arte. Seu caráter autoral e subjetivo despertou o olhar dos críticos de arte, que após muitos anos ignorando este trabalho, abriram as portas de museus, galerias e revistas para fotógrafos.

Além do olhar diferenciado, foi possível observar que essas imagens contemporâneas ao entrarem nesses estabelecimentos, ganharam também um papel de documento e monumento, como uma referência a uma época, um povo ou lugar.

Mesmo comemorando 50 anos de fundação, foi possível ver uma UFMA diferente e contemporânea, a partir do ensaio “50 anos de contemporaneidade”. E para além disso, essas imagens do ensaio ganharam um papel de registro de um momento, um documento que mostra que a Universidade já possuiu tais cores, árvores e objetos. Neste trabalho foi possível observar ainda, como a leitura de uma fotografia desse estilo demanda maior tempo para leitura, por conta de carregar a subjetividade do olhar do fotógrafo.

Com a realização das imagens fotográficas deste foi utilizado foi possível envolver todo um conhecimento adquirido ao longo de pesquisas sobre esse gênero e também uma visão de mundo própria, resultando em narrativas que puderam ser lidas (interpretadas) por leitores (a comunidade acadêmica, principalmente) com uma carga de conhecimento mínimo sobre o tema abordado, a UFMA. As imagens são também um

reflexo de uma observação atenta e diferente de detalhes que mais chamaram atenção sobre o real, representando um registro de um cotidiano visto durante aquele momento, sem poses e nem interferências no ambiente.

Contudo, foi possível praticar e ampliar os estudos desse gênero tão pouco abordado em pesquisas científicas nos diversos cursos de Comunicação Social do Maranhão, mesmo tendo uma forte relevância nos dias atuais, por ter dado a fotografia um caráter artístico, a partir do rompimento de técnicas tradicionais de se fotografar.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, Silas; MARQUES, Kadma. **A imagem fotográfica como objeto da sociologia da arte**. Revista de Ciências Sociais, v. 41, n. 1, p. 17-26, 2010.

FERNANDES-JUNIOR, Rubens. **Processos de criação na fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica**. Revista Facom, São Paulo, v.2, n.16, p.10-19, 2006.

FERREIRA, Bruno. **As margens da memória e do esquecimento na obra de Matheus Rocha Pitta**. In: CARVALHO, Victa de; FATORELLI, Antônio; PIMENTEL, Leandro; (Orgs). Coleção MEDIATECA: Escritos sobre fotografia contemporânea brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015. v. 1. p. 47-55.

HARREL, W.M. Thomaz. **Da pintura rupestre à fotografia**. *Manual de Fotografia* (2002). Disponível em: <www.tharrell.prof.ufu.br/default2.htm>. Consultado em 13 de outubro de 2016.

Histórico da UFMA. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/historico.jsf>>. Acesso em 2 de março de 2017.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história, interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

SOARES, Lílian. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Niterói: Poiésis, n. 15, p. 243-246, jul. 2010, Universidade Federal Fluminense.

TAVARES, A. L. M. **A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**. Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia. Nº1 (Julho 2009), p. 118-129. Disponível em: <http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf>. Acesso em 13 de outubro de 2016.